



isto é inconfidência

BOLETIM INFORMATIVO DO MUSEU DA INCONFIDÊNCIA

ANO VII • Nº 16 • 2005



A LITERATURA EM OURO PRETO

páginas 4 e 5



editorial

Como sabem os que militam na área, a proteção patrimonial no Brasil se aplicou preferentemente, no seu início, na solução dos problemas das áreas de arquitetura e urbanismo. Embora o projeto de Mário de Andrade, documento encomendado pelo ministro Gustavo Capanema para embasar as suas iniciativas nessa área fosse confortavelmente amplo, contemplando múltipla gama de manifestações culturais, a repartição que se criou, às voltas com dificuldades orçamentárias, teve que reduzir o âmbito do seu trabalho e optou por cuidar de um setor que lhe garantisse maior visibilidade dentro do país, principalmente naque-la fase de sua implantação. Se recuarmos um pouco no tempo para considerar a ação desenvolvida por Gustavo Barroso, que reuniu em torno de si um respeitável acervo de história, arte e cultura material, implantou o Museu Histórico Nacional e fundou a Inspeção de Monumentos Nacionais, somos obrigados a admitir, foi com o interesse pelos bens móveis que tudo começou. É mais razoável, entretanto, que se atenha apenas às atividades do IPHAN, pois com ele é que apareceu de fato uma verdadeira política protecionista, melhor orientada e com perspectiva de perenidade.

A linha de ação estabelecida pelo primeiro presidente da instituição só seria quebrada com o aparecimento do Museu da Inconfidência, organizado em decorrência de ordem superior. O governo de Getúlio Vargas, havendo promovido o repatriamento das ossadas dos participantes do movimento político de 1789 que pereceram no degredo da África, localizou em Ouro Preto, na Casa de Câmara e Cadeia, o Panteão dos Inconfidentes e decidiu que o SPHAN deveria completá-lo com um museu que tivesse a finalidade de pesquisar, colecionar e divulgar a documentação relacionada com a conjuração de Vila Rica. Esse fato não ficaria sem conseqüências. Rodrigo Mello Franco de Andrade tomou consciência da necessidade de serem antecipadas providências para a criação de redutos de proteção do acervo que ia saindo dos monumentos restaurados e, decorridos apenas dois anos, estava inaugurando o Museu do Ouro, em Sabará. Além disso, começaria a recolher, em casas que passavam à propriedade da repartição, peças de toda natureza – obras de arte e documentos em papel – compradas ou obtidas por doação, pensando num futuro em que as exporia à visitação pública.

É a Aloísio Magalhães que se deve creditar o trabalho mais sério e conseqüente realizado nos anos 70 no âmbito museológico. Foi ele, também, que começou a articular a questão do patrimônio imaterial. Por esse caminho, a sua contribuição se torna cada vez mais atual. Trata-se de uma área em plena expansão e ainda pouco definida. A literatura, por exemplo, é realidade sobre a qual ainda não se debruçou para se compreender o seu duplice aspecto de patrimônio cultural. Ela é objeto material quando se leva em conta o seu suporte concreto, que é o livro, o papel, a tela eletrônica, e é bem imaterial quando considerada no plano da pura invenção abstrata que vive em permanente processo de transformação, acompanhando a marcha das gerações e as interpretações que sobre ela vão aparecendo. Num terreno assim ainda muito incerto, nada se resolve de uma hora para a outra. Só agora começa de fato a se pensar, numa cidade como Ouro Preto, em reivindicar para as obras literárias a proteção do Patrimônio. O Fórum das Letras é que chamou atenção para o assunto ao mostrar, foi em Vila Rica que teve lugar o maior foco de fermentação de uma verdadeira literatura brasileira, já nitidamente destacada do fenômeno português.

Capa:

OURO PRETO - SÉCULO XIX

ARMAND JULIEN PALLIÈRE

ÓLEO SOBRE TELA - CERCA DE 1820

isto é inconfidência

ANO VIII • Nº 17 • 2006

Presidente da República

Luiz Inácio Lula da Silva

Ministro da Cultura

Gilberto Gil Moreira Passos

Presidente do Instituto do Patrimônio

Histórico e Artístico Nacional

Luiz Fernando de Almeida

Departamento de Museus e Centros Culturais

José do Nascimento Júnior

Diretor do Museu da Inconfidência

Rui Mourão

Publicação do

MinC - IPHAN - Museu da Inconfidência

Praça Tiradentes, 139 • Cep 35400-000

Ouro Preto • Minas Gerais • Brasil

Fone fax (31) 3551 1121 e 3551 5233

inconfidencia@veloxmail.com.br

Tiragem:

1500 exemplares

Periodicidade:

Trimestral

Projeto Gráfico

Laís Freire dos Reis

Editor

Rui Mourão



Ministério
da Cultura



IPHAN

DEPARTAMENTO DE MUSEUS E CENTROS CULTURAIIS

Publicado pela primeira vez em 1875, *A escrava Isaura* vem alcançando um êxito perene, que já ultrapassou os círculos literários e as fronteiras do país. Acompanham o romance de Bernardo Guimarães, desde a gestação, fatos curiosos, por certo desconhecidos da maioria dos admiradores que conquistou ao longo de seus 130 anos de existência.

Para Armelino Guimarães – neto do romancista e autor do estudo “E assim nasceu a escrava Isaura” (1985) - a causa geradora do livro seria uma cena testemunhada pelo avô e comum à época da escravidão. Viajava o escritor a cavalo, de Ouro Preto a Queluz (atual Conselheiro Lafaiete), onde lecionava Latim e Francês. Surpreendido pela aproximação da noite, que se pronunciava fria, pediu pousada em fazenda às margens da estrada. Desistiu do intento diante de triste quadro que presenciou: no lusco-fusco do entardecer, feitor robusto açoitava com requintes de perversidade um preto velho amarrado ao esteio do curral, enquanto uma mucama, pulsos atados e olhos fixos no chão, aguardava resignadamente sua vez. A profunda comoção que sentiu fez com que interrompesse a viagem e retornasse ao lar, disposto a extravasar seu sentimento de repulsa. No caminho de volta, optou por escrever um romance, ao invés de uma série de artigos para a imprensa. Disfarçaria o propósito abolicionista sob

A TRAJETÓRIA TRIUNFANTE DE A ESCRAVA ISAURA

a capa de uma história sentimental. A figura central seria uma escrava, porém branca, visto que escrava negra não comoveria ninguém. Já com o plano delineado, Bernardo Guimarães chegaria em casa pela madrugada. Sem se dar o trabalho de desarrastar o cavalo e desatar as esporas, lançou-se de ímpeto ao trabalho, só interrompido ao anoitecer do dia seguinte.

Dados cronológicos sobre a vida do autor permitem concluir que *A escrava Isaura* foi concebido no casarão até hoje existente em Ouro Preto à rua Alvarenga números 794/800 (antiga das Cabeças, assim denominada por referência às cabeças de enforcados por ação da justiça, que nela ficavam expostas). Naquele edifício, erigido no século XVIII, nasceu e morreu Bernardo Guimarães, embora nele só tenha residido nos primeiros tempos da infância e nos últimos anos de vida. Em 1928 o prédio foi adquirido pelo Governo de Minas Gerais e cedido para uso da Sociedade São Vicente de Paula, que nele instalou asilo para idosos, transferido para outro local há poucos anos. Bastante danificado pelo tempo, o antigo solar será afinal recuperado pelo Projeto Monumenta, para nele funcionar o curso de formação de oficiais em restauração, ministrado pela Fundação de Artes de Ouro Preto.

Levantamento realizado pelo pesquisador Israel Souza Lima, que vem publicando a biografia dos quarenta patronos da Academia Brasileira de Letras, registra mais de uma centena de

edições de *A escrava Isaura*, incluindo traduções para sete idiomas. A primeira chinesa ocorreu em 1984, com uma tiragem de 300 mil exemplares. A popularização da obra naquele país deveu-se também a seu preço, 0,55 yen, equivalente a cerca de meio dólar - o que a tornou acessível a número maior de leitores.

Há indícios fortes de que *A escrava Isaura* tenha sido transposto para o teatro. O primeiro deles, citado por Armelino Guimarães, estaria em carta datada de 26/08/1875 e escrita por Feliciano Duarte de Miranda, residente no Rio de Janeiro, na qual pede ao autor autorização para adaptar o romance. Em outra correspondência, de 14/12/1876, o próprio Bernardo Guimarães informa ao amigo Carlos José dos Santos ter concluído “a composição dramática de *A cativa Isaura*” (primitivo título da obra, mudado por ocasião da sua publicação). Não se tem notícias dos originais. Igualmente ignora-se o paradeiro de *A escrava Isaura*, drama em 4 atos – Porto Alegre, 1883, de Júlio César Leal, registrado por Sacramento Blake no Dicionário Bibliográfico Brasileiro. O que se sabe de oitiva é que a peça foi exibida repetidas vezes em palcos de circo, através de adaptações anônimas, o que contribuiu para sua popularização.

O romance mereceu duas versões cinematográficas, uma em 1929 e outra em 1949, esta sob a direção de Eurides Ramos.



LITOGRAFIA DE BERNARDO GUIMARÃES - 1884

Constam do elenco atrizes e atores renomados, como Fada Santoro, Cyl Farney e Sady Cabral. Fato digno de registro, o Cine Odeon, do Rio de Janeiro, promoveu original *avant-première* da fita. Dedicou-a a todas as Isauras que, para obterem ingresso gratuito, deviam comprovar a identidade. Houve o comparecimento de nada menos que 2000 homônimas da personagem principal do filme.

Não restam dúvidas contudo de que o interesse maior pelo romance, principalmente no exterior, deveu-se à sua adaptação para novela de televisão, feita em 1976 por Gilberto Braga, exibida em diversos países. Tanto que, nas traduções para o francês, alemão, húngaro e indonésio, a capa do volume reproduz imagem de Lucélia Santos, caracterizada como a escrava Isaura. Devido ao seu desempenho no papel, a atriz foi convidada pelo governo chinês a conhecer o país, onde seria agraciada com o prêmio de melhor artista estrangeira.

De outubro de 2004 a abril de 2005, *A escrava Isaura* retornou ao vídeo em nova adaptação. Sua exibição revigorou o interesse pelo livro, cuja projeção e longevidade jamais poderiam ser imaginadas pelo autor ao iniciar sua concepção, no silêncio da madrugada, naquele casarão histórico da rua das Cabeças.

A LITERATURA EM OURO PRETO

Se considerarmos que a literatura brasileira surgiu no momento em que foi publicado o primeiro texto de autor brasileiro em língua portuguesa, a primazia por fazê-la existir cabe a Bento Teixeira, com *Prosopopéia*, poema de um único canto, de imitação camoneana, sem estro e sem grandeza, que hoje não honraria nem mesmo a cultura de um município interiorano escolhido pelo critério da pouca valia. Se estabelecermos como marco a publicação de obras em que apareceram os mais remotos autores voltados para o ambiente, referindo-se a elementos físicos do seu entorno – vegetação, pássaros e, outros animais, diferenciados e mesmo confrontados com os do reino – estaremos entregando a palma a reduzido grupo de prosadores e poetas classificados como nativistas, com obras valorizadas pelo conteúdo ufanista, mesmo quando produzidas por simples abasileirados. Antônio Cândido, nos dias atuais, estabeleceria outro critério para resolver a questão.

ESCOLA MINEIRA

O autor de *Formação da Literatura Contemporânea* introduziu a idéia de sistema para caracterizar o início de uma linha de criatividade verdadeiramente nacional. Considerando meras manifestações literárias as obras anteriormente aparecidas, ele defendeu a tese de que só se pode admitir como produto de fato autônomo, diferenciado do fenômeno português, aquele que chegou a ser produzido por um grupo articulado de criadores que, trabalhando temas e processos intercambiáveis, criavam já uma tradição, com propósito razoavelmente definido. Isso teria acontecido na vigência da chamada Escola Mineira, na segunda metade do século XVIII, período dominado pelo Neoclassicismo e Arcadismo e pela Ilustração, de publicistas de certa expressão que entre nós, bem ou mal, tentavam articular as idéias do tempo.

O resultado da colocação de Antônio Cândido foi assentar em Minas Gerais o marco de origem da literatura brasileira. Na região das minas, para onde havia se deslocado o centro econômico da colônia, é que ocorreu fermentação cultural em condições de determinar o aparecimento de escritores de valor permanente, alguns em condições de disputar nível de excelência com a intelectualidade mais em destaque no reino. Cláudio Manoel da Costa e Tomás Antônio Gonzaga, em Vila Rica, se consagrariam entre os maiores poetas da língua portuguesa.

BERNARDO GUIMARÃES

No Romantismo, a afirmação da literatura brasileira seria consolidada principalmente pela tendência da escola

de se voltar para a cor local. O interesse pelas regiões exóticas, dando primazia às experiências do eu, era o caminho que facultava ao criador manter fidelidade à sua emoção intransferível, sua experiência de mundo muito especial. Nessa fase, a conquista de uma dimensão criadora de expressão local já se tornara fenômeno espalhado por todo o país. Ouro Preto, não dando sinais de esmorecimento, iria continuar oferecendo contribuição marcante. Bernardo Guimarães, romancista e poeta, personalidade vigorosa, realizou obra com o aproveitamento de temas e personagens regionais. A popularidade que alcançou se mantém até hoje. O romance *A escrava Isaura* continua fazendo carreira popular. Tornou-se novela de televisão, virou produto de exportação, alcançando na China edição de centenas de milhares de exemplares.

VIAGEM PROVIDENCIAL

Alphonsus de Guimarães, que foi exercer o cargo de juiz em Mariana, ao lado do catarinense Cruz e Souza seria expressão culminante do Simbolismo. Ao atrair Mário de Andrade para a região em 1919, ele prestaria serviço involuntário ao país. O estreante que havia publicado o livro *Há uma gota de sangue em cada poema*, desejando conhecer pessoalmente o poeta que padecia exílio por aqui, acabou descobrindo Ouro Preto e a obra do Aleijadinho, fato de grandes conseqüências para o futuro.

Ao surgir o Movimento Modernista, implantado pela Semana de Arte de São Paulo, em 1922, Mário defenderia a necessidade da interiorização da cultura brasileira, afirmando que as raízes da criatividade verdadeiramente nacional – aquilo que eles obstinadamente buscavam – se encontravam nos núcleos urbanos surgidos com a mineração aurífera no século XVIII. Em 1924, tomaria o caminho de Minas Gerais a chamada caravana modernista. Mário, Oswald de Andrade, Tarcila Amaral e Blaise Cendrars chegavam para conhecer as nossas cidades coloniais.

NO MODERNISMO

Daí para frente, o interesse dos modernistas pela temática ouropretana iria ganhar força. Manuel Bandeira escreveu um guia famoso, até hoje usado com grande proveito pelos turistas e, num momento em que as melhores consciências do país chegaram a temer um processo de degradação que poria em risco o futuro da antiga capital de Minas, ele ergueu o brado que ficaria famoso: "Meus amigos, meus inimigos, salvemos Ouro Preto". Carlos Drummond de Andrade derramaria sensibilidade diante dos mais destacados monumentos locais, produzindo poemas antológicos. E textos caudalosos de criação não

demorariam a aparecer. Murilo Mendes publicaria *Contemplação de Ouro Preto* e Cecília Meireles, *Romanceiro da Inconfidência*, logo tornado popular, e que constitui, sem dúvida nenhuma, um dos marcos mais elevados da sua carreira. Dantas Mota nos deixaria *Elegias do país das Gerais*.

MUDANÇA DE RUMO

O Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, surgido na onda do movimento de nacionalização e interiorização cultural deflagrado pelos modernistas, daí para frente manterá com eles laços indissolúveis. O próprio projeto para a implantação desse serviço de proteção, encomendado pelo ministro Gustavo Capanema, seria de Mário de Andrade. O órgão se tornou a matriz de um pensamento histórico-patrimonial que contaminou de maneira diversa a abordagem literária de Ouro Preto. Antes, a cidade tinha sido observada, na sua paisagem, por Cláudio. Gonzaga cantou Marília e satirizou os desmandos de Luís da Cunha Menezes, o Fanfarrão Minésio. Bernardo Guimarães visualizou aspectos sociológicos da sociedade escravocrata. Na modernidade, o passado histórico e os monumentos arquitetônicos é que serão valorizados.



MANUEL BANDEIRA - 1925
RETRATO DE MÁRIO DE ANDRADE
TARCILA DO AMARAL - 1922

PRECURSORES

Contribuições teóricas destacadas nessa fase de formação de um pensamento original ficaram a cargo de Rodrigo Mello Franco de Andrade e Lúcio Costa que, enfrentando a problemática geral nos primeiros tempos, estabeleceram diretrizes a serem seguidas, Sílvio Vasconcelos, que estudou a estrutura urbanística e a estrutura arquitetônica das igrejas, Fritz Teixeira de Salles que, além de publicar *Vila Rica do Pilar: um roteiro de Ouro Preto* e *Silva Alvarenga: antologia e crítica*, com *Associações religiosas no ciclo do ouro* lançou as bases para o estudo dessas entidades fundamentais que se responsabilizaram pela construção dos templos, administraram as atividades da igreja e se constituíram em verdadeiras corporações de ofício. Mas

as pesquisas levadas a efeito sobre os temas da cidade, os seminários e congressos realizados, os livros que se publicaram são tão numerosos e de tal excelência que é perfeitamente possível se falar numa "escola de intelectuais do Patrimônio".

ATUALIDADE

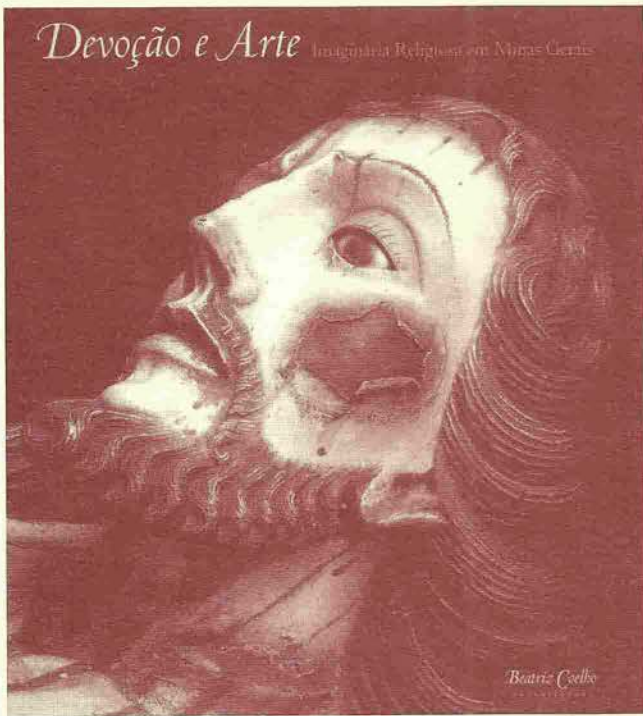
Numa geração mais recente em que me incluo com o romance *Boca de Chafariz*, surgiu Affonso Ávila, que além da edição crítica do *Triunfo Eucarístico* de Simão Ferreira Machado, saída com o título de *Resíduos Seiscentistas*, e numerosos ensaios divulgados pela *Revista Barroco*, escreveu os poemas de *Cantaria Barroca*. Autran Dourado apareceria com o romance *Sinos da Agonia*; Maria José de Queiroz com *Joaquina, filha de Tiradentes*; Jaime Prado Gouvêa com *O Altar das Montanhas de Minas*, Silvano Santiago introduziria na estória *Em liberdade*, o personagem Cláudio Manoel da Costa. De Fábio Lucas, tivemos o ensaio *Luzes e Trevas: Minas Gerais no Século XVIII*, que levantou o amplo panorama da nossa literatura colonial, acompanhando os seus reflexos no ensaio e na criação da atualidade.



RENOVAÇÃO

Nos dias que correm, uma ficcionista e um poeta, ambos com talento verdadeiro, estão empunhando a tocha da criatividade ouropretana. Ambos são naturais da cidade e têm uma característica em comum. São dinâmicos empreendedores a serviço da causa cultural. Guiomar de Grammont, professora, diretora do IFAC, vem recuperando a seriedade do Festival de Inverno de Ouro Preto e acaba de realizar o primeiro Fórum de Letras. Guilherme Mansur, além de arrojado programador visual, responsável pela Editora Fundo de Ouro Preto, criou e mantém a revista *Lambe Lambe*.

RUI MOURÃO



IMAGINÁRIA MINEIRA

6 **O** livro *Devoção e Arte – Imaginária Religiosa em Minas Gerais*, organizado por Beatriz Coelho, editado pela EDUSP, é produto resultante dos inventários de bens móveis e de bens integrad

dos a edificações tombadas - imaginária sacra, talhas, mobiliário, prataria, jóias, etc – que o IPHAN vem realizando de forma sistemática, na extensão do país, há mais de cinquenta anos –, atividade indispensável para o conhecimento do patrimônio brasileiro. Além desta finalidade, outra se sobrepõe, a de garantir a segurança dos bens, evitando-se o roubo ou seu descaminho. Cadastrados e, portanto, identificados através de foto e descrição, torna-se mais fácil a sua recuperação.

Executado pelos técnicos do IPHAN, o trabalho tem contado, desde 1986, com o apoio financeiro da Fundação Vitae. Espera-se agora, com a divulgação dos resultados e o reconhecimento da sua necessidade, que o IPHAN encontre outras fontes financiadoras, pois é impensável ter que reduzir o ritmo do que vem sendo feito ou a sua paralisação. A procura de outras fontes de patrocínio se impõe. O financiamento por uma única instituição não representa garantia de duração da atividade e os inventários não devem ser interrompidos ou retardados. Além do prejuízo que disso resultaria, é preciso considerar a conveniência de as equipes de trabalho serem mantidas sem solução de continuidade. Elas são constituídas por profissionais treinados para a tarefa, o que exige conhecimento especializado.

Devoção e Arte refere-se a parte desse universo já cadastrado - as imagens sacras de Minas Gerais. Apresenta-se fartamente ilustrado, com a reprodução de 247 imagens, na maioria de folha inteira. Algumas em escala menor, expondo as características das peças, através de explicações e comentários.

Os autores dos textos são: Regina Weinberg, "Prefácio"; Antônio Augusto Arantes Neto e Beatriz Coelho, "Apresentação"; Myriam Andrade Ribeiro de Oliveira, "A Escola Mineira de

Imaginária e suas particularidades"; Célio Macedo Alves, "Um estudo Iconográfico"; Olinto Rodrigues dos Santos, "Características Específicas e Escultores Identificados"; Beatriz Coelho, "Materiais, Técnicas e Conservação". Os estudos oferecem toda uma gama de informações e análise dos bens existentes nas capelas e igrejas de Minas Gerais.

O ensaio de Myriam apresenta uma visão geral da denominada "Escola mineira de imaginária", apontando a evolução das características das obras ao longo dos séculos XVIII e XIX, e mostrando as diferenças com relação as peças produzidas nos demais centros produtores, em especial da Bahia, Pernambuco, Rio de Janeiro e Maranhão. A ensaísta chama a atenção para a importância das irmandades e ordens terceiras, responsáveis principais por essas diferenciações. Nas demais áreas do Brasil, assim como em Portugal, os maiores fabricantes de imagens eram conventos e mosteiros, mas em Minas Gerais, por ordem régia, eles foram terminantemente proibidos de se instalarem. Desta forma, as organizações de leigos é que mantiveram as matrizes, igrejas e capelas com seus recheios, em especial de imagens de devoção. Em seqüência, a autora relaciona os nomes de oficiais mecânicos que produziram as imagens, comentando as características de suas obras. Menção especial é dada aos que trabalharam na segunda metade do setecentos, coetâneos que eram do mais importante dentre eles, Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho.

Os dois textos seguintes representam, em princípio, complementos do que acabamos de comentar. O primeiro, de Célio M. Alves, relaciona os santos mais representados no conjunto do inventário de Minas Gerais, que soma um total de 1662 imagens. Fornece biografias sintéticas dos santos mais repetidos, inclusive apresentando lendas e contos da religiosidade popular referentes a vários deles, com explicação, em muitos casos, das origens dessas manifestações. O segundo texto, de Olinto Rodrigues, relaciona os escultores identificados, citando suas especialidades e as características de suas obras. Alguns desses escultores são nomes conhecidos, como é o caso de Francisco Xavier de Brito, José Coelho de Noronha, Francisco Vieira Servas, e do próprio Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho; outros, tendo embora obras claramente definidas, são de nomes ainda desconhecidos, como é o caso do Mestre de Barão de Cocais, do Mestre de Sabará ou do Mestre de Piranga, identificados apenas pela referência às cidades onde trabalharam e deixaram suas obras; outros ainda, como o Mestre de São João Evangelista de Tiradentes, é designado somente pela igreja onde se encontra sua obra.

Por fim, o texto de Beatriz Coelho (autora de uma das introduções e coordenadora da edição do livro) é eminentemente técnico, o que se explica por ser ela professora de restauração de obras de arte – escultura, pintura, trabalhos em papel, etc – ter sido coordenadora do curso de restauro dos bens móveis da UFMG, além de uma das responsáveis pela criação do CECOR. Em estudo de grande interesse, fala dos materiais de fabricação das imagens, das suas estruturas e das características dos olhos. Analisa a policromia, seja com pintura ou com o uso de folhas metálicas – a carnação, o estofamento, além de outros materiais de revestimento. Em seguida, aborda temas como os das vestes em tecidos, atributos e acessórios. Por fim, um capítulo trata da conservação e das teorias e técnicas de restauração.

SALA MANOEL DA COSTA ATHAÍDE

No período de agosto a outubro, a Sala Manoel da Costa Athaíde permaneceu interdita para exposições temporárias, em função do processo de reformulação do Museu. Seu espaço físico abrigou o acervo de salas do andar superior que está em processo de mudança total.

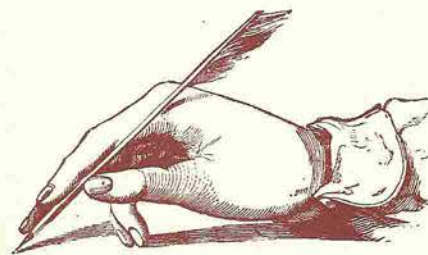
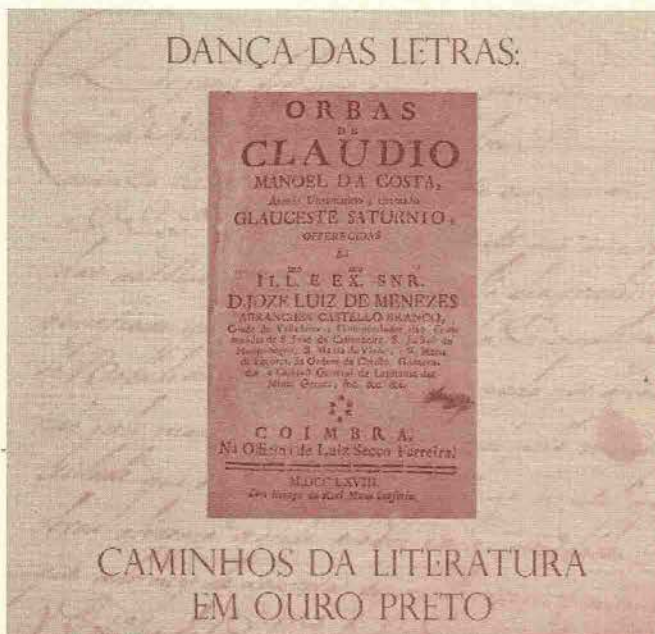
Com o cancelamento das solicitações externas e a interrupção dos eventos, o auditório desde 15 de setembro foi usado para acondicionamento de peças e a galeria, devido a compromisso anterior, se programou para receber a última exposição do ano.

A 11 de novembro, às 20h30, estava sendo inaugurada a exposição "Dança das Letras – Caminhos da Literatura em Ouro Preto", em parceria com o Fórum das Letras, promovido pela Universidade Federal de Ouro Preto. Aberta à visita até 11 de dezembro, foram mostradas obras raras, publicações e textos poéticos produzidos por autores que nasceram ou viveram em Ouro Preto, nos séculos XVIII e XIX, tudo saído do Arquivo Histórico do Museu da Inconfidência.

AUDITÓRIO, ANEXO I

Projeto Vídeo no Anexo "Terças no Inconfidência"

Iniciado em fins de janeiro de 2005, o projeto "Terças no Inconfidência" realizou várias exibições de filmes de ficção com programação sugerida pelo público, sendo que algumas foram seguidas de comentário. A iniciativa reuniu até setembro um público de 5.546 pessoas. Confirmada a grande aceitação pela comunidade – sobretudo a universitária – a atividade deverá ser retomada após as obras de melhoria e modernização do auditório.



ÁREA PEDAGÓGICA

A Área Pedagógica do Museu da Inconfidência marcou presença em dois importantes encontros de educação promovidos pelo IPHAN.

Realizado de 12 a 17 de setembro de 2005, em São Cristóvão, Sergipe, o 1º Encontro Nacional de Educação Patrimonial contou com a participação dos museus do IPHAN e de museus de outras vinculações, com o intuito de discutir políticas públicas para educação patrimonial. Os técnicos do Inconfidência apresentaram, em tribuna aberta, os vários projetos que desenvolvem.

Já no período de 30/11 a 2/12, a nossa equipe pedagógica foi convidada a realizar uma oficina no Museu do Diamante, em Diamantina. O propósito era provocar uma reflexão sobre o papel da educação em museus. Além dos funcionários da instituição, a atividade contou com a participação de professores da rede pública da região.

PROJETO PATRIMÔNIO MATERIAL E IMATERIAL – DIFUSÃO PELA ARTE

Dando prosseguimento à ação dinâmica, através da qual promove a interação entre o visitante e a comunidade, o Museu da Inconfidência deu início, a 17 de dezembro, ao projeto *Difusão pela Arte*, com intervenções cênicas e musicais na exposição permanente, chamando atenção para a reforma modernizadora que tem lugar na exposição permanente. O projeto continuará em 2006, para a difusão cada vez maior do acervo.

O primeiro espetáculo abordou o casamento do Imperador D. Pedro II com a princesa das Duas Sicílias, Teresa Cristina. A cena "Se Tem Barba Tem Que Casar" procurou desmistificar a história, apresentando uma versão bastante real: um menino vendo-se na obrigação de se casar com uma mulher mais velha, para resguardar o patrimônio da coroa portuguesa; uma princesa que precisou abandonar a família e aventurar-se por terras tupiniquins, uma sociedade escravocrata, onde o povo comia com a mão e, por todo o território, pipocavam insurreições contra o império.

Literatura

A Universidade Federal de Ouro Preto, com a parceria da Prefeitura Municipal, vem recuperando, com eficiência, a dignidade do Festival de Inverno, perdida quando a UFMG, por razões pouco compreensíveis, se viu na contingência de ter que abandonar a cidade. Agora, a mesma parceria acaba de realizar mais um feito. Lançou em novembro último, com perspectiva de ser mais uma promoção permanente, o Fórum das Letras, que já teve mais de quatrocentos inscritos, procedentes de Minas Gerais e outros estados. Grandes personalidades do mundo das letras, durante seis dias fizeram exposições e participaram de debates de alto nível com um público vibrante e atualizado. A iniciativa da promoção foi da escritora e professora Guiomar de Grammont, diretora do IFAC.

Exposição

Por ocasião do Fórum das Letras, o Museu da Inconfidência realizou a exposição temporária "Dança das Letras", cuja curadoria esteve a cargo de Cláudia Gomes Pereira, José Luiz Foureaux e Margareth Monteiro. Foi a vez de se testar a força e importância da biblioteca da casa, que reunindo livros das mais variadas especialidades e mantendo-se sempre atualizada, possui um conjunto expressivo de obras raras. O visitante pôde encontrar na Sala Manoel da Costa Athaide edições princeps de Cláudio (inclusive manuscritos do *Parnaso Obsequioso* e de fragmentos do poema *Vila Rica*), Gonzaga, Santa Rita Durão, Basílio da Gama, Silva Alvarenga, Bernardo Guimarães, além de produções de diversos outros autores do período colonial.

A mostra foi enriquecida por dois cartazes de grandes dimensões, reproduzindo o quadro "Vila Rica",

de Armand Julian Pallière, e o "Marília de Dirceu", de Alberto da Veiga Guignard, pintado em parede da antiga residência de Rodrigo Mello Franco de Andrade em Ouro Preto. No último, a musa de Gonzaga é representada lançando pétalas de rosas e essas foram trazidas em espécie, no dia da abertura da exposição, para cobrir inteiramente o piso da sala.

Fórum de Museus

Depois de inúmeras tentativas frustradas, finalmente teve êxito a iniciativa de articulação dos oito museus existentes em Ouro Preto, que passaram a fazer reuniões, planejar ações comuns e já editou um folheto de divulgação do grupo. Sem dúvida, o fator decisivo para essa união foi o trabalho desenvolvido pelo Departamento de Museus e Centros Culturais do IPHAN, que sob o comando dinâmico e eficiente de José do Nascimento Júnior, tem por meta desenvolver a Política Nacional de Museus e criar o Instituto Nacional de Museus. O setor ouropretano atende pelo nome de Fórum dos Museus de Ouro Preto.

Artes e Ofícios

Nos dias 14 e 15 de dezembro, foi inaugurado, com as presenças do ministro Gilberto Gil e do prefeito Fernando Pimentel, no prédio da estação da rede ferroviária, em Belo Horizonte, o Museu de Artes e Ofícios, da Fundação Flávio Gutierrez. Instituição de grande porte, com um acervo dos mais notáveis, teve a sua museografia entregue ao técnico Pierre Catêl, que pôde dar mais uma demonstração, no Brasil, do talento que o consagrou internacionalmente. A nova contribuição de Ângela Gutierrez à cultura de Minas Gerais, além de notável, comprova o seu refinamento intelectual, he-

rança recebida do pai e de um tio, colecionadores de estirpe que terminaram, como se vê, formando escola.

Transição

Enquanto prosseguem as obras de implantação da nova exposição do Museu da Inconfidência, o atendimento aos visitantes ainda não chegou a ser interrompido. Com a compreensão do público, que muitas vezes foi obrigado a dividir espaço com operários instalando equipamentos de iluminação ou fazendo pontuais intervenções corretivas na alvenaria ou na pintura, interrompemos o funcionamento desta ou daquela sala, deste ou daquele setor, e finalmente de todo o segundo andar.

Funcionários

Enfim foi autorizada a realização de concurso no IPHAN. Não para resolver o problema da carência de pessoal do órgão, mas para iniciar um processo de recrutamento que, todo mundo espera, em breve será retomado. O Museu da Inconfidência receberá três técnicos, que reforçarão as áreas de Museologia, Educação e Biblioteconomia. As nomeações estão programadas para janeiro, devendo as posses ocorrerem em fevereiro.

Gratificação

Outra boa nova para o IPHAN veio com a aprovação, no final de 2005, da gratificação que os funcionários vinham pleiteando, inclusive por meio de greve geral, que teve como consequência a assinatura de um acordo, com garantia do Ministério do Planejamento.

Os recursos para essa melhoria estão assegurados por lei votada pelo congresso e sancionada pelo presidente Lula.